



PROFISSÃO DOCENTE EM MINAS GERAIS: UM ESTUDO A PARTIR DO ARQUIVO PARTICULAR DE ALDA LODI – 1927/1935

Nelma Marçal Lacerda Fonseca¹

Ao escolhermos como objeto de estudo a trajetória da professora mineira Alda Lodi (1898-2002), com ênfase nos aspectos de sua formação e atuação, em diferentes tempos, lugares e instituições, foi necessário um duplo movimento.

O primeiro movimento refere-se ao investimento feito na organização da biblioteca e da vasta documentação particular da professora, doadas em 2005, por sua família ao Museu da Escola de Minas Gerais, em Belo Horizonte, onde trabalhamos. Essa organização significou um trabalho exaustivo, durante quase um ano, dificultado pelo fato da documentação ter permanecido por longos anos em condições precárias, o que levou à deterioração de muitos documentos e livros pela ação de traças e fungos. Nos deparamos, no porão da casa da família, com uma diversidade enorme de papéis dentro de caixas, estantes cheias de livros, escrivaninhas e armários repletos de documentos, cadernos e objetos. A princípio, o que víamos era um “amontoado de papéis” que foram se revelando plenos de historicidade, uma fonte documental importante para o Museu da Escola, que passamos a ver como “papéis de memória”, testemunhos de uma vida, de uma profissão, de tempos e espaços ligados à história da educação mineira. Esta organização, que constituiu o Arquivo Alda Lodi, foi feita em função da pesquisa que desenvolvemos no PPGE/FaE/UFMG, mas também com o objetivo de disponibilização a pesquisadores da História da Educação, no Museu da Escola.

O recorte temporal foi definido a partir de 1927, quando o governo mineiro fez um importante investimento na formação docente no Estado, na Reforma Francisco Campos, que enviou cinco professoras², entre elas Alda Lodi, para cursar especialização no Teacher's College, da Universidade de Colúmbia, em Nova York/EUA. A ideia de Francisco Campos era que as professoras se especializassem em diferentes áreas do conhecimento para, no retorno, serem multiplicadoras dos novos saberes adquiridos, na renovação do ensino em Minas. Esse fato foi relevante na constituição de Alda Lodi como docente e em sua ascensão profissional, uma vez que, ao viajar era professora de crianças nas Classes Anexas à Escola Normal Modelo e, no retorno da especialização, em 1929, integrou o grupo fundador da Escola de Aperfeiçoamento, instituição inspirada nos ideais da Escola Nova, em expansão na Europa e Estados Unidos da América do

¹ PPGE/FaE/UFMG nelmarcal@yahoo.com.br

² As professoras que compunham a comissão, além de Alda Lodi eram: Ignácia Ferreira Guimarães, Benedicta Valladares Ribeiro, Amélia de Castro Monteiro e Lúcia Shmidt Monteiro de Castro.



Norte. A Escola de Aperfeiçoamento, criada para formação de professores de todo o Estado, significou um marco na reforma Francisco Campos, colocou Minas na vanguarda da educação no Brasil, valeu a Belo Horizonte o título de “*capital pedagógica do país*”³, no período, atraindo professoras de outros estados brasileiros. O curso tinha duração de dois anos e era oferecido a professoras, com no mínimo dois anos de experiência comprovada no magistério, que eram selecionadas/indicadas pelas Diretoras dos grupos escolares. As professoras-alunas formavam-se orientadoras técnicas, voltavam às suas escolas de origem para aplicar os conhecimentos adquiridos, em consonância com os novos parâmetros postos pela reforma Francisco Campos.

O arquivo Alda Lodi é rico em documentos relativos, tanto à sua formação no período de estudos no Teacher’s College, quanto à sua atuação na Escola de Aperfeiçoamento. A professora assumiu, nesta instituição, a disciplina Metodologia da Aritmética e foi Diretora das Classes Anexas, criadas para ser um laboratório de aplicação das ideias escolanovistas, sob a orientação da educadora russa Helena Antipoff, que veio para Minas, junto a outros educadores europeus na chamada “missão européia”⁴, contratada pelo governo, para alavancar a educação mineira. O arquivo é constituído por um conjunto diversificado de documentos: uma biblioteca em torno de 2 mil livros, muitos em inglês adquiridos no período de estudos em Nova York; um diário no qual a professora registrou, em inglês, as aulas no Teacher’s College, no último semestre do curso de especialização, entre fevereiro e junho de 1929; documentos institucionais relativos à sua carreira docente e administrativa; correspondência privada e de cunho institucional; agendas de uso pessoal e profissional; cadernetas de anotações de gastos pessoais e das instituições onde trabalhou; boletos bancários e contracheques; planos de aulas, cadernos, exercícios e provas de alunas; manuscritos; recortes e exemplares de jornais e revistas nacionais e estrangeiras; álbuns fotográficos; trabalhos escolares e desenhos de crianças da família; diplomas; itens ligados à sua fé católica; pequenos objetos e uma grande coleção de receitas culinárias. Essa diversidade da documentação possibilitou perceber Alda Lodi em diferenciados papéis: a aluna, a docente, a educadora, a administradora pública e a mulher.

Os documentos selecionados no arquivo estão sendo analisados, como também a legislação da Reforma Francisco Campos, num exercício de cruzamento de fontes, em busca de evidências que

³ Expressão usada pelas ex professoras da Escola de Aperfeiçoamento, depoentes no Projeto de História Oral, do Museu da Escola, em 1998.

⁴ Compunham a missão pedagógica européia: Jeanne Louise Milde, professora da Academia de Belas Artes de Bruxelas; Theodore Simon, médico-professor da Universidade de Paris; Mme. Artus Perrelet e Leon Walter, do Instituto Jean Jacques Rousseau, de Genebra, este último ficou por poucos meses, ao retornar à Europa foi substituído por Helena Antipoff, que teve um papel fundamental, introduzindo a Psicologia Educacional no ensino mineiro.



possibilitem conferir inteligibilidade aos fatos referentes a essa trajetória. Procuramos estabelecer conexões e sentidos entre os “achados” no arquivo, analisar os fragmentos e os vestígios ali presentes, usando-os como um “ímã” capaz de atrair outros elementos úteis para acessar a vida dessa personagem, recompondo sua trajetória. Adotamos a postura indiciária, a partir da leitura de Ginzburg (2006), em busca de compreender/desvelar o sujeito de nossa investigação, considerando as pistas, os indícios, num exercício de educação do olhar, da sensibilidade, na perspectiva de desenvolver o “faro” investigativo necessário. E, desse modo, extrair elementos de análise dos diferentes documentos, contextos e temporalidades, implicados no exercício da docência de Alda Lodi. Levar em conta que o passado da experiência humana, presente indiciariamente nos guardados de um arquivo, numa materialidade que não fala por si mesma e, a partir da leitura de Benjamin (1996), na análise da documentação buscar “escovar a história a contrapelo” e, com os fragmentos, elaborar interpretações no exercício da pesquisa em História da Educação.

O segundo movimento feito nesta investigação deu-se no sentido de perscrutar questões de cunho biográfico, conhecer a ambiência familiar da professora, buscar entender quem foi Alda Lodi, suas origens e o contexto social e cultural que lhe serviu de base na constituição de sua identidade pessoal e profissional. Indagar quais foram as redes de sociabilidade que permearam sua trajetória. Onde estudou, quais foram seus professores e colegas, com quem andou/interagiu, o que disseram sobre ela, que imagem fizeram dela. Neste aspecto, lançar mão dos depoimentos coletados no Projeto de História Oral do Museu da Escola, trabalho que coordenamos desde 1997, levou-nos a conhecer um pouco mais sobre a professora, por meio da memória das ex alunas, que trouxeram importante contribuição a este estudo. Para além do que o arquivo pessoal nos diz dela, os depoimentos orais nos levaram a perceber minúcias de sua vida, sobre como dava suas aulas, algumas de suas concepções pedagógicas, suas leituras, preferências, contradições, amigos e desafetos, espaços em que esteve, relações que construiu.

Alda Lodi nasceu em Belo Horizonte, em 17 de dezembro de 1898. Filha de Luigi Lodi e Annunciata Mora Lodi, ambos naturais do norte da Itália, da região de Reggio Emilia, imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX, em navios diferentes. A família Mora, de Annunciata, tinha tradição na zona rural italiana e se instalou em Barbacena, trabalhando numa fazenda de café. A família Lodi, de Luigi, não era do campo, era comerciante e instalou-se em Ouro Preto, onde constituiu um *negozzio*, um estabelecimento comercial de secos e molhados. Annunciata veio ainda menina, desembarcando em Parati. Luigi, mais tarde Luiz Lodi, naturalizado brasileiro, veio adulto, desembarcando no Porto de Santos, era 10 anos mais velho que



Annunciata. Os dois se conheceram em Barbacena, onde Luiz havia ido a negócio e se casaram, vivendo com a família dele em Ouro Preto⁵. Com a inauguração da Nova Capital, em 1897, Luiz e Annunciata mudaram-se para Belo Horizonte, à Rua dos Caetés, região central, onde nascia o comércio na cidade. Ali construíram a casa, com uma pequena chácara e abriram um comércio onde vendiam produtos importados, necessários à época. O pai comerciante cresceu junto com a cidade, participando do seu desenvolvimento e criando oito filhos⁶.

As fontes possibilitam entrever/vislumbrar a vida de uma família iniciada por um casal de imigrantes que, como tantos outros, deixaram sua terra natal movidos pela esperança de melhores oportunidades, de construir uma nova vida no Brasil. Esse núcleo familiar de origem simples, ascendeu socialmente, como pode-se perceber pela forma como a família evoluiu, pelas relações sociais estabelecidas pelo próprio pai e por sua inserção e de seus filhos na elite mineira, o que foi possível constatar por meio da correspondência familiar com autoridades e políticos mineiros. Sobre as relações políticas da família Lodi, destaco no arquivo alguns telegramas guardados em um envelope nomeado pela professora como “telegramas importantes”. Um deles, datado de 19 de maio de 1927, o ex Presidente de Minas Gerais, Arthur Bernardes⁷, em viagem à Paris, despede-se do sr. Luiz Lodi e se desculpa por não ter tido tempo de fazê-lo pessoalmente. Outro telegrama, também enviado ao pai de Alda, datado de 14 de novembro de 1927, Bernardes solicita “a honra de seu voto e do seu concurso em favor de minha candidatura ao Senado Federal pelo Partido Republicano Mineiro”. Em correspondência, auxiliares do ex Presidente acertam com a família o aluguel de uma casa, que lhe pertencia, para moradia dos Lodi, à rua Aimorés, 1486, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte, mais tarde comprada pela família, que ali viveu por longos anos e onde Alda Lodi faleceu, em 2002. Esta casa, tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico-IEPHA, ainda pertence à família Lodi.

Os parentes da professora contribuíram com informações importantes para a compreensão de seu contexto familiar e, conseqüentemente, da influência deste em sua vida. Tais informações auxiliaram no processo de estudo/análise das fontes, que dão a ver as redes de sociabilidade tecidas pela família, tanto no aspecto político e social, quanto no aspecto educativo e cultural dos descendentes do casal Lodi. Os sobrinhos da professora informam que todos os filhos de Luiz e

⁵ A respeito de sua ambiência familiar, consideramos fundamental buscar elementos para conhecer sua origem, entendendo a família como o *locus* primeiro de formação e base identitária, questão com a qual nos preocupamos desde o início da pesquisa.

⁶ São eles, por ordem cronológica: Luiz Adelmo, Euvaldo, Jurandir, Alda, Paulina Filomena, Yolanda Maria, Helena e Helio, todos já falecidos.

⁷ Arthur Bernardes foi Presidente de Minas no período de 7 de setembro de 1918 a 7 de setembro de 1922.



Annunciata fizeram o curso completo de música. Alguns formaram-se em piano, como Alda, outros em violino. Afirmam que a partir dela e de suas irmãs “aprendemos as tradições da família e criamos laços com primos e tios”. Dizem que as tias eram responsáveis por todas as grandes festas de família, como Natal, Páscoa, os aniversários dos pais e que eram a referência maior de união da família, empenhadas em manter tradições, afirmam eles - “também nos ofereciam um lanche todo domingo, no final da tarde” e descrevem aspectos interessantes do convívio familiar:

“Nas festas de Natal, era oferecido um verdadeiro banquete, com comidas tradicionais da família e a casa se enchia de perfumes e enfeites (quantos enfeites preciosos!), luzes, bolas, caixinhas de música, presépio ... A todos era oferecido um presente e eram muitos os convidados. A festa de Natal durava o dia todo. Na Páscoa, quando crianças, já acordávamos com um pedaço de papel celofane debaixo do travesseiro. Era uma amostra do saco de ovos e chocolates que seria escondido no grande jardim da casa das tias (na época era a casa da vovó). Também havia um grande almoço para todos e só à tarde as crianças podiam sair para o quintal para procurar o presente do coelhinho, que era escondido por meu pai Hélio, conforme a idade da criança seria o grau de dificuldade - do gramado até sobre galhos de árvore”⁸.

As irmãs Lodi criavam para os sobrinhos esses momentos especiais, lúdicos, de fantasia, mas cuidavam de dar um cunho educativo à eles – “como elas não se casaram, não tiveram filhos, dedicaram-se a nós como se fôssemos seus filhos, de tal maneira que nossa convivência foi intensa”. Dizem ainda que, ao redor da mesa de jantar da casa da família, eram frequentes as discussões sobre os rumos da política educacional do país, tema que interessava a todos, dado que Alda dedicou-se ao magistério, as irmãs Yolanda e Helena ao ensino de música, Paulina trabalhou com os irmãos em suas empresas. Os quatro irmãos se casaram, tiveram filhos, carreiras importantes e postos de trabalho de muito destaque em Minas e no Estado do Rio de Janeiro. As fontes dão conta de que o primeiro filho do casal Lodi, Luiz Adelmo, formou-se em Medicina, na UFMG, onde foi professor e diretor, participando da construção do Hospital das Clínicas. Euvaldo Lodi, engenheiro de minas por Ouro Preto, foi deputado federal, dedicou-se à formação de mão-de-obra para a indústria, destacando-se como empresário no Brasil. Jurandir, o terceiro irmão formou-se em Direito, em Belo Horizonte, sendo Diretor do Ensino Superior, no Ministério da Educação no Rio de Janeiro. Helio, o irmão mais novo, foi advogado, industrial e empresário do ramo siderúrgico.

As fontes permitem observar a carreira docente de Alda Lodi de alguns pontos de vista, inclusive o familiar. O arquivo da professora tem muitas cartas entre os familiares, dos filhos para os pais, entre os irmãos e parentes, mas, principalmente, dos irmãos para a professora. Uma das cartas é bastante significativa no sentido de permitir que se perceba o envolvimento e mesmo a

⁸ Silvana Lodi, sobrinha, por e-mail, em resposta a um questionário enviado à família ao qual todos responderam, complementando as informações uns dos outros.



pressão familiar na carreira de Alda e de sua irmã Yolanda, bem como o trânsito político que tinha a família Lodi no governo mineiro e a forma usual para galgar no serviço público, naquela época.

“Acho um tanto excessivo o esforço que estás fazendo com tua classe; os alunos que recebeste já eram atrasadíssimos e isto, por certo, o Inspector já sabia. Quanto à nomeação efectiva, eu penso que nada deverás esperar para conversar com o Secretário, pois, com certeza, os pretendentes já estão em campo. Deverás ir no Affonso Penna, lembrando apenas a tua situação como contratada, tendo já o tirocínio de 3 annos”. [...] A Yolanda está preparada para os exames? (para o Conservatório de Música) Acho bom que a Paulina ensine à ella alguma coisa de música.”

A carta cujo trecho destacamos, datada de 09 de novembro de 1919, a professora recebeu do irmão Euvaldo, estudante do sexto ano de engenharia da Escola de Minas de Ouro Preto. Ele relata aspectos do seu curso, sua ansiedade em relação ao trabalho futuro e expressa sua preocupação com a carreira da irmã que, provavelmente, lhe havia revelado seu desejo de ascender no magistério. Esse aconselhamento do irmão, indica não somente o interesse na carreira da irmã professora, como também a necessidade de orientá-la a agir rápido e por meios diretos, pois não havia, no período, uma sistematização na realização de concursos públicos para o magistério mineiro. Os termos da carta do irmão fazem pensar sobre as questões políticas envolvidas na carreira de Alda desde o início, uma vez que a possibilidade de uma professora primária procurar o Presidente do Estado, ou seu Secretário, para tratar de sua carreira, não se abria a qualquer professora. Tal condição seria facultada somente a quem pudesse ter trânsito em gabinetes oficiais do governo, o que pode ter ocorrido com Alda, pela inserção de sua família na elite mineira e, principalmente, devido as relações que seu pai e irmãos mantinham com autoridades do governo mineiro. Teria a professora seguido o conselho do irmão e procurado as autoridades sugeridas por ele? Os termos dessa carta deixam claro, também, um aspecto importante na análise da trajetória de Alda Lodi, referente a uma das características que sugerem marcar sua identidade profissional e seu desempenho como professora – o esforço em realizar um bom trabalho, mesmo com alunos ditos de “baixo rendimento”. Sua postura profissional parece ter destacado seu nome como uma boa professora primária e ter tido influência em sua seleção estudar na Universidade de Colúmbia, entre 1927-1929. A Diretora da Escola Normal Modelo, Ignácia Ferreira Guimarães, incluiu seu nome quando foi solicitada por Francisco Campos para levar um grupo de professoras ao Teacher’s College, para cursar especialização (Souza, p. 29) Mas, para além de seu desempenho como regente nas Classes Anexas à Escola Normal Modelo, que possa ter “autorizado” sua seleção, cremos que a influência da família pode ter tido um peso importante, pelas relações desta no campo político, social e cultural em Belo Horizonte.



Algumas cartas, além da preocupação com o encaminhamento profissional e a carreira da irmã, evidenciam o desejo de ascensão social dos familiares, implícita nos textos das correspondências, como o trecho da carta que destacamos, remetida ao sr. Luiz Lodi, enviada do Rio de Janeiro, em 23 de fevereiro de 1925, pelo filho Jurandir:

“O facto mais importante para mim é o estudo da Alda, de que estou sem notícias. Peço me escrevam. A “Revista da Semana” e o “Fonfon” da semana passada, bem como o último número de “Vida Doméstica” trouxeram instantâneos do casamento do [...] onde aparecemos eu e [...]”

A citação das revistas de variedades que circulavam na época e a frase da carta do irmão – “*O facto mais importante para mim é o estudo da Alda*”, acentua nossa suposição do desejo de ascensão social já referido e traz importantes elementos de muito interesse em nossa investigação, como a questão de gênero, profundamente implicada na trajetória de Alda Lodi; a valorização dos estudos femininos no período; a profissionalização da mulher e a feminização do magistério. Entendemos como bastante significativa a preocupação revelada pelo irmão, em relação aos estudos da irmã mais velha, que estava com 27 anos, trabalhava já há quase uma década como professora primária na Escola Normal Modelo e já era nomeada, desde 1925, conforme documento oficial, de seu arquivo, em papel timbrado do Palácio da Presidência do Estado.

Para pensar a noção de gênero fizemos um investimento em levantamento bibliográfico, em estudos e discussões com colegas no grupo que desenvolve a pesquisa “*Gênero: discursos e trajetórias de mulheres*”⁹, da qual nosso trabalho participa, na FaE/UFMG. A inserção de nosso estudo nesta pesquisa foi de fundamental importância para a compreensão do gênero como categoria de análise, possibilitando-nos algumas abordagens. O acesso a leituras bastante diversificadas, a trabalhos anteriores e mais atuais, que discutem as questões de gênero sob vários pontos de vista e de diferentes períodos históricos, nos possibilitou compreender um pouco mais a história das mulheres no mundo e no Brasil e, de forma especial, favoreceu nossa compreensão sobre os inúmeros fatores que estão em jogo, quando nos propomos a investigar uma trajetória feminina. No Brasil, por herança colonial, essa questão está ligada à tradição ibérica, devido à forte influência que Portugal recebeu dos árabes por quase 800 anos, cultura essa que considerava a mulher um ser inferior – o sexo *imbecilitus*, categoria à qual pertenciam, além das mulheres, as crianças e os doentes mentais. O texto “*Mulheres educadas na Colônia*”, de Arilda Inês Miranda Ribeiro, na obra “*500 anos de educação no Brasil*”, nos remete a esse período em que, segundo a

⁹ A pesquisa “Gênero: Discursos e Trajetórias de Mulheres”, coordenada pelo prof. Dr Marcelo Ricardo Pereira, do Depto de Ciências Aplicadas à Educação, numa ação conjunta entre o GEPHE e o PRODOC, da FaE/UFMG. Os recursos para tradução do diário de anotações das aulas no Teacher’s College, encontrado no arquivo Alda Lodi, bem como a catalogação dos livros de sua biblioteca vieram do referido projeto, com a participação de 2 tradutores, em 3 meses de trabalho.



autora, era comum o versinho declamado nas casas de Portugal e do Brasil: “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada” (Ribeiro, p.79). A autora trata em seu texto, da supremacia dos homens em detrimento da condição da mulher, que além de não ter a instrução valorizada, também não o era em nenhum tipo de manifestação, sendo que um dos poetas portugueses bastante apreciado por volta do século XVII, afirmava que a mulher, além de não precisar ler, nem escrever, não deveria falar, o que expressava em outro verso no qual a advertência era que a mulher, para ser honrada, deveria ficar calada. Segundo a autora, alguma concessão era feita ao aprendizado do abecedário moral, no qual cada letra do alfabeto correspondia a um padrão de comportamento que as mulheres deveriam adotar – a letra A dizia que a mulher deveria ser amiga de sua casa, H significava ser humilde ao marido, M, mansa, Q, quieta, R, regrada, S, sizuda. Arilda Ribeiro¹⁰ cursou pós-doutorado na Universidade de Lisboa, em 1996, realizando uma extensa pesquisa sobre a educação da mulher, trazendo à tona o quadro da vida feminina “traz os montes” e a mentalidade que influenciou a instrução feminina, no Brasil, por longos anos e deixou sua marca na história das mulheres. No campo dos estudos de gênero, o texto de Eliane Marta Teixeira Lopes, intitulado “*Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica*” (1990), trouxe-nos um visão panorâmica sobre a produção historiográfica estrangeira. A autora indica livros, artigos e autores conceituados e nos situa em relação ao tema, segundo ela, até aquele momento, ainda pouco desenvolvido no campo da História da Educação, entre nós. O texto de Joan Scott “*Gênero: uma categoria útil de análise*” (1990), uma contribuição valiosa por nos apontar definições e conceitos fundamentais à compreensão da categoria gênero, favorecendo nosso esforço de compreensão da trajetória de Alda Lodi, que dedicou sua vida à educação em Minas, e que supomos precisou vencer barreiras - solteira, de família conservadora, estudou por dois anos em Nova York, num país de fé protestante, sendo extremamente católica, fiel aos princípios da Igreja, que exercia forte influência na educação, no período. Estas e outras tantas questões procuramos desvelar em meio a seu arquivo, que aponta caminhos que ela escolheu seguir, mas deixando fios por demais soltos que, nesta pesquisa buscamos religar, para entender sua formação e atuação docente e seu papel na formação de várias gerações de professoras em Minas Gerais.

Referências Bibliográficas

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁰ Professora e pesquisadora da UNESP, investiga a temática da educação feminina.



LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica*. In Educação e Realidade, v. 16, nº 2, jul/dez 1990.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *Mulheres educadas na Colônia*. In 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. In Educação e Realidade, v. 16, nº 2, jul/dez 1990.

SOUZA, Angela Leite de. *Lúcia Casasanta uma janela para a vida*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In Obras Escolhidas v.1, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.